

**LIVRO DIDÁTICO  
DE LÍNGUA PORTUGUESA E GÊNEROS TEXTUAIS:  
QUE CAMINHO SEGUIR?**

*Monique Teixeira Crisóstomo* (UENF)

[monikebj@gmail.com](mailto:monikebj@gmail.com)

*Eliana Crispim França Luquetti* (UENF)

[elinaff@gmail.com](mailto:elinaff@gmail.com)

*Andressa Teixeira Pedrosa Zanon* (UENF)

[andressa.pedrosa@gmail.com](mailto:andressa.pedrosa@gmail.com)

*Laís Teixeira Lima* (UENF)

[laisbj@gmail.com](mailto:laisbj@gmail.com)

**RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo verificar como se dá a abordagem dos gêneros textuais em livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental. A utilização dos gêneros está vinculada às questões de uso da língua e, conseqüentemente, às questões socioculturais. Trabalhar com gêneros textuais é trabalhar com a língua em uso, com as diversas maneiras com que ela se manifesta e em sua real situação de interação comunicativa. Logo, os fatores que distinguem esses gêneros textuais são bem mais de cunho social e comunicativo que de cunho formal. Diante da grande relevância em se trabalhar com os gêneros textuais, o educador acaba por encontrar nos livros didáticos a principal fonte de se explorar o conteúdo, sendo que estes não conseguem abranger toda essa abordagem. Vale destacar, também, que a grande maioria desses recursos pedagógicos dão mais ênfase ao trabalho formal com os gêneros do que com sua funcionalidade. Assim, esse estudo visa mostrar que é de suma importância que o educador (re)pense a forma de explorar os gêneros em sala de aula, que mostre a seus alunos que a caracterização dos livros didáticos estará relacionada à funcionalidade da língua e que manterá conexão com sua realidade sociocomunicativa. Para a realização deste estudo, utilizamos os pressupostos teóricos da linguística e dos estudos sobre os livros didáticos, valendo-se dos seguintes teóricos: Coracini (2011), Travaglia (2009 e 2011), Batista & Rojo (2003), Souza (2011), dentre outros.

**Palavras-chave:**

Livro didático. Gênero textual. Língua portuguesa. Ensino fundamental

**1. Considerações iniciais**

Nos últimos anos, o trabalho com gêneros textuais em sala de aula vem sendo bastante discutido entre pesquisadores da área de língua portuguesa. Essas discussões tornaram-se mais conhecidas pela maioria dos educadores a partir dos *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* visam adotar o texto como unidade de ensino e os gêneros textuais como um objeto mediador no processo da aprendizagem. Assim, o documento reconhece a importância de o educando e o educador perceberem a função social da língua e que seu uso, mediante cada situação de interação comunicativa, passa a possuir características de um determinado gênero textual.

Desse modo, o livro didático acaba por ser o recurso mais utilizado pelos educadores em suas aulas ao abordarem os gêneros textuais e não consegue abranger todos, nem mesmo relacioná-los à vivência da maioria dos alunos, pois trata-se de um material construído para atender às classes de maneira generalizada.

A utilização dos gêneros está vinculada às questões de uso da língua e, conseqüentemente, às questões socioculturais. Trabalhar com gêneros textuais é trabalhar com a língua em uso, com as diversas maneiras com que ela se manifesta e em sua real situação de interação comunicativa. Logo, os fatores que distinguem os gêneros textuais são bem mais de cunho social e comunicativo que de cunho formal.

Dessa maneira, ao abordar o tema, o docente acaba por ampliar a competência textual e discursiva em seus alunos, deixando de trabalhar fatos meramente isolados, sem estabelecer relação com o texto. (NICOLAU, 2012, p. 11)

Assim, se os educadores começassem a refletir sobre o trabalho com gêneros a partir de uma perspectiva linguística, valorizando a língua em efetiva situação de comunicação, o educando passaria a relacionar a teoria à sua prática cotidiana e o processo da aprendizagem seria mais produtivo, visto que ele passaria a refletir sobre os fenômenos linguísticos de seu idioma.

Serão utilizados, neste artigo, os pressupostos da linguística textual e funcional, valendo-nos de teóricos como Marcuschi (2000 e 2008), Koch (2004 e 2012), Cunha (2008), Furtado da Cunha & Tavares (2007), Schneuwly & Dolz (2004), Batista & Rojo (2003), dentre outros.

## 2. *Gêneros textuais e ensino*

A partir da publicação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*, houve um maior debate sobre a importância de se trabalhar com os mais variados tipos de textos, produzidos pelos alunos em seu cotidiano, no ambiente escolar. Dessa forma, lentamente vem sendo mudada a forma de se trabalharem os conteúdos linguísticos nas aulas de língua materna, que tinham, até então, como prioridade o trabalho com as regras gramaticais.

Ainda de acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*, a base para um ensino de língua materna eficaz deve ser buscada a partir do trabalho com o texto, com o intuito de que o educando seja capaz de desenvolver a competência linguística/discursiva, ou seja, “o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita”. (BRASIL, 1998, p. 23)

Assim, trabalhar o ensino de língua a partir de unidades estratificadas dos conteúdos não torna o processo da aprendizagem eficaz, uma vez que o ensino será descontextualizado e não levará o educando à reflexão dos fenômenos linguísticos.

Desse modo, para que haja um ensino mais produtivo e reflexivo sobre os fenômenos decorrentes de nossa língua materna, a base principal para o processo de ensino-aprendizagem é o texto, a partir dos diversos gêneros textuais.

Torna-se importante o conhecimento e compreensão dos gêneros textuais, uma vez que possibilitam que exerçamos ações linguísticas sobre a realidade, em que nossas capacidades discursivas serão ampliadas e refletidas no mundo.

Assim, Bakhtin (2003, p. 285) postula que

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso projeto de discurso.

A partir dessa abordagem, evidenciamos a necessidade de se trabalhar com os gêneros textuais em sala de aula, a fim de que o trabalho com língua materna seja mais produtivo e reflexivo para o educando, in-

do muito além de um ensino pautado no formalismo e no ensino de regras gramaticais.

Um ensino de língua realizado de forma descontextualizada e estanque, que descarta a variedade discursiva, leva à abstração da aprendizagem, enfraquecendo o vínculo existente entre a língua e a vida. (BAKHTIN, 2003)

Sabemos que os gêneros textuais não são estruturas fixas e estáveis, pois se manifestam de acordo com as situações de uso da língua, podendo sofrer mudanças mediante esse contexto de interação comunicativa.

Para Koch (2008, p. 58),

Como qualquer outro produto social, os gêneros textuais não são formas fixas, mas estão sujeitos a mudanças, decorrentes das transformações sociais, de novos procedimentos de organização e acabamento da arquitetura verbal, bem como de modificações conforme o lugar atribuído ao ouvinte.

Assim, os gêneros textuais surgem a partir das mais variadas práticas sociais que usamos na linguagem, que se fazem presentes nas comunidades discursivas em que o falante está inserido, sendo uma prática sociodiscursiva.

Dessa maneira, o ensino de língua pautado no trabalho com os gêneros textuais estaria relacionado a estudá-la como um fato social, como um fenômeno que se modifica de acordo com o uso, com as diversas situações de comunicação e não como um mecanismo isolado.

Logo, cabe ao educador buscar atividades que mais se aproximam da realidade de seus alunos, explorar os gêneros textuais que mais utilizam em seu cotidiano, a fim de tornar o processo da aprendizagem algo concreto e produtivo. É importante que o professor traga para a sala de aula a diversidade dos gêneros e que os relacione com o ambiente socio-cultural dos educandos, com o intuito de que eles ampliem suas competências textual e comunicativa.

Para Koch (2008, p. 61),

Dominar um gênero consistiria no próprio domínio da situação comunicativa, domínio esse que se pode dar por meio do ensino das aptidões exigidas para a produção de um gênero determinado. O ensino dos gêneros seria, pois, uma forma concreta de dar poder de atuação aos educadores e, por decorrência, aos seus educandos. Isso porque a maestria textual requer – muito mais que os outros tipos de maestria – a intervenção ativa de formadores e o desenvolvimento de uma didática específica.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

Percebe-se, pois, que um ensino voltado para o trabalho com os gêneros textuais, sob a visão da linguística funcionalista e textual, só acrescenta tanto na formação dos educadores como na dos alunos, uma vez que se valoriza a língua em real situação de comunicação, em seus mais diversos usos, pois, como elucida Marcuschi (2008), não nos comunicamos sem utilizar um determinado gênero.

Koch (2008, p. 62) enfatiza que

as diversas práticas de linguagem podem ser relacionadas, no ensino, por meio dos gêneros – vistos como formas relativamente estáveis tomadas pelos enunciados em situações habituais, entidades culturais intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais e rituais das práticas de linguagem. Os gêneros ligados a cada uma dessas práticas são um termo de referência intermediário para a aprendizagem, uma “megaferramenta” que fornece um suporte para a atividade nas situações de comunicação e constitui uma referência para os aprendizes.

Segundo Antunes (2002, p. 71), há várias vantagens de se trabalhar com os gêneros textuais, mas as principais são:

- a) a apreensão dos "fatos linguísticos-comunicativos" e não o estudo de "fatos gramaticais", difusos, virtuais, descontextualizados, objetivados por determinações de um "programa" previamente fixado e ordenado desde as propriedades imanentes do sistema linguístico;
- b) a apreensão de estratégias e procedimentos para promover-se adequação e eficácia dos textos, ou o ensino da língua com o objetivo explícito e determinado de ampliar-se a competência dos sujeitos para produzirem e compreenderem textos (orais e escritos) adequados e relevantes;
- c) a consideração de como esses procedimentos e essas estratégias refletem-se na superfície do texto, pelo que não se pode, inconsequentemente, empregar quaisquer palavras ou se adotar qualquer sequência textual;
- d) a correlação entre as operações de textualização e os aspectos pragmáticos da situação em que se realiza a atividade verbal;
- e) ampliação de perspectivas na compreensão do fenômeno linguístico, superando-se, assim, os parâmetros demasiados estreitos e simplistas do "certo" e do "errado", como indicativos da boa realização linguística.

Assim, o que importa não é somente ensinar as regras gramaticais de um determinado idioma e sim a forma como ele se manifesta em cada situação de uso, mostrar que toda língua possui variedades e o que definirá seu uso é o contexto sociocomunicativo.

O trabalho com os gêneros textuais permite, pois, que o educando perceba que a língua se modifica, que é variável e não homogênea. A

partir dessa abordagem, o aluno passa a repensar sobre os fenômenos linguísticos e a desenvolver sua competência textual e comunicativa.

Desse modo, vale salientar mais uma vez que os livros didáticos exercem papel importante no trabalho realizado na sala de aula, visto que é um material fácil e prático de ser utilizado por ser um recurso que já vem “pronto” para o professor. Cabe, no entanto, ao docente ter a consciência de que nenhum livro didático será completo e que não atenderá às necessidades de sua clientela, que o uso desse recurso deverá passar por reflexões e ser complementado por outros materiais.

Sabemos que, na atualidade, os livros didáticos já passaram por reformulações, mas ainda têm muitas modificações e abordagens a serem repensadas. É notório que os livros didáticos já contemplam uma maior abordagem de gêneros textuais, por exemplo, mas que estes nem sempre são trabalhados pelo professor e muito menos enfatizam todas as modalidades e níveis da língua. Desse modo, o ensino de língua torna-se um ato mecânico, pois não leva os alunos a refletirem sobre os fenômenos linguísticos que emergem no dia a dia.

Assim, o trabalho com os gêneros textuais seria uma forma de o docente repensar sua proposta de trabalho com língua materna em sala de aula, uma vez que os gêneros textuais se determinam de acordo com o uso efetivo da língua, mediante suas variedades linguísticas e as questões socioculturais.

Para Koch (2004, p. 162), os gêneros podem servir como

[...] modelos sociocognitivamente construídos, a partir da vivência em sociedade, que representam os conhecimentos, propósitos, objetivos, perspectivas, expectativas, opiniões e outras crenças dos interlocutores sobre a interação em curso e sobre o texto que está sendo lido ou escrito, bem como sobre propriedades do contexto, tais como tempo, lugar, circunstância, condições, objetos e outros fatores situacionais que possam ser relevantes para a realização adequada do discurso.

Logo, percebe-se mais uma vez que a caracterização dos gêneros textuais está influenciada pelo contexto social, pela cultura da comunidade linguística. Assim, os gêneros estão repletos de estratégias convencionais para se atingir um determinado objetivo, um objetivo linguístico específico.

Para Marcuschi (2008, p. 150),

Cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação”, pois “todos os gêneros têm uma forma e

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma.

Desse modo, o trabalho com os gêneros textuais é um meio de se trabalhar com a interdisciplinaridade na escola, uma vez que envolve os âmbitos social e cultural, não possuindo uma estrutura rígida para sua caracterização e por envolver as variedades linguísticas.

Ainda em consonância com Marcuschi (2008, p. 151),

O estudo dos gêneros textuais é hoje uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social (MILLER, 1984) corporificadas na linguagem, somos levados a ver os gêneros como *entidades dinâmicas*, cujos limites e demarcação se tornam fluidos.

Observa-se, pois, que é impossível quantificar todos os gêneros textuais existentes, pois eles se classificam mediante as diversas situações de uso efetivo da língua, ou seja, de acordo com suas variedades linguísticas e seu uso. Assim, tornam-se heterogêneos devido às inúmeras possibilidades de uso e de interação sociocomunicativa.

Segundo Koch (2012, p. 55),

Todas as nossas produções, quer orais, quer escritas, se baseiam em formas-padrão relativamente estáveis de estruturação de um todo a que denominamos *gêneros*. Longe de serem naturais ou resultado da ação de um indivíduo, essas práticas comunicativas são modeladas/remodeladas em processos interacionais dos quais participam os sujeitos de uma determinada cultura.

Para Marcuschi (2008, p. 154), seria praticamente impossível comunicarmos sem utilizar os gêneros textuais, pois “toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero”. Com esta mesma concepção, Bakhtin (*apud* KOCH, 2012, p. 57) afirma que

Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

Assim, os gêneros textuais estão presentes em todos os atos de nossa comunicação, a cada situação de interação sociocomunicacional de nosso cotidiano.

### 3. Definição de texto e discurso

Não se pode tratar de gêneros textuais sem abordar as concepções de texto e discurso. São diversas as áreas das ciências que promovem estudos referentes a estes conceitos. Algumas delas os concebem como termos distintos e outras como termos equivalentes. Na presente pesquisa, trataremos dos dois termos como objetos diferentes, no entanto interligados no funcionamento da língua.

O texto é considerado uma estrutura concreta, que se realiza materialmente por meio de um determinado gênero textual. Já o discurso caracteriza-se como uma realização concreta do texto. Ou seja, ele é o uso da palavra em atos de comunicação.

Para Marcuschi (2010, p. 25),

Deve-se ter o cuidado de não confundir texto e discurso como se fossem a mesma coisa. Embora haja muita discussão a esse respeito, pode-se dizer que *texto* é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. *Discurso* é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva. Assim, o discurso se realiza nos textos. Em outros termos, os textos realizam discursos em situações institucionais, históricas, sociais e ideológicas. Os textos são acontecimentos discursivos para os quais convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas.

Assim, percebe-se que é através do texto que se chega ao discurso, sendo por meio da linguagem e da realidade social do ser humano que se dá o discurso. Logo, quando há interação através da linguagem, significa que uma atividade discursiva é realizada.

Desse modo, percebe-se que nossa comunicação e produção discursiva não ocorrem de formas isoladas. Elas são concretizadas em unidades maiores, os textos, constituindo unidades de sentido.

Vale ressaltar que o texto está sempre em diálogo com outros textos, pois resulta de uma atividade discursiva e, segundo Nicolau (2012, p. 82), “se organiza em função de suas intenções comunicativas dentro de um determinado gênero, tipos relativamente estáveis de enunciados historicamente determinado”.

Sendo assim, o texto deve ser a unidade de encontro nas práticas dos processos do ensino de língua, uma vez que é “produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e os outros textos que o compõem. O homem é visto como um texto que constrói textos”. (BRASIL, 1998, parte II, p. 18)

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Assim, Marcuschi aborda alguns pontos relevantes a respeito de texto:

1. o texto é visto como um *sistema de conexões entre vários elementos*, tais como: sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações etc.
2. o texto é construído numa orientação de *multissistemas*, ou seja, envolve tanto aspectos linguísticos como não linguísticos no seu processamento (imagem, música) e o texto se torna em geral *multimodal*;
3. o texto é um *evento interativo* e não se dá como um artefato monológico e solitário, sendo sempre um processo e uma coprodução (coautorias em vários níveis);
4. o texto compõe-se de *elementos que são multifuncionais* sob vários aspectos, tais como: um som, uma palavra, uma significação, uma instrução etc. e deve ser processado com esta multifuncionalidade. (MARCUSCHI, 2011, p. 80)

Percebe-se, pois, que o texto está relacionado com as ações sociais, linguísticas e cognitivas, reconstruindo e refletindo o mundo, envolvendo os conhecimentos individuais e coletivos dos que estão inseridos no processo da comunicação.

### **4. Alguns pressupostos da linguística funcionalista**

O funcionalismo é uma corrente da linguística que se opõe ao estruturalismo e ao gerativismo. Tem como objetivo estudar os aspectos da língua em seu contexto comunicativo, ressaltando os aspectos que emergem na comunicação, sendo, assim, a linguagem um instrumento de interação social.

Dessa forma, a língua é viva, heterogênea e dinâmica, pois se modifica de acordo com cada situação de comunicação e com a evolução da comunidade linguística de seus falantes.

Para a linguística funcionalista, a língua deve ser valorizada a partir de seu uso efetivo e das diversas situações de comunicação em que o falante está inserido. Consequentemente, nessa mesma visão, o ensino de língua deve estar pautado nas interações comunicativas, em que o educador deve valorizar a bagagem linguística com que o aluno chega à escola, valorizando assim a sua competência linguística.

Assim, Cunha (2013, p. 155) corrobora que

Os funcionalistas concebem a linguagem como instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso.

Logo, percebemos que o funcionalismo procura trabalhar com a língua em uso, em seu efetivo uso na comunicação, deixando de analisar fatos isolados e descontextualizados. Assim, a língua passa a desempenhar funções que são externas ao sistema linguístico, que emergem sempre nas efetivas situações de comunicação.

Segundo Furtado da Cunha e Tavares (2007, p.157),

A língua é determinada pelas situações de comunicação real, em que falantes reais interagem e, conseqüentemente, seu estudo não pode se resumir à análise de sua forma, já que essa forma está relacionada a um significado e a serviço do propósito pelo qual é utilizada, o que depende de cada contexto específico de interação.

Na visão funcionalista da linguagem, todo trabalho com textos deve estabelecer conexão com a realidade dos alunos, a fim de não desvincular o processo da aprendizagem da realidade do educando e promover um ensino contextualizado.

De acordo com Cunha (*apud* MARTELOTTA, 2008, p. 158),

Na análise de cunho funcionalista, os enunciados e os textos são relacionados às funções que eles desempenham na comunicação interpessoal. Ou seja, o funcionalismo procura essencialmente trabalhar dados reais de fala ou escrita retirados de contextos efetivos de comunicação, evitando lidar com frases inventadas, dissociadas de sua função no ato da comunicação.

Sendo assim, o educando relacionará dados de seu discurso com o que será ensinado, podendo estabelecer um elo entre sua comunicação e o ensino de língua materna, não permanecendo, assim, à mercê do processo da aprendizagem.

Desse modo, um dos principais objetivos de ensino de língua materna será atingido: o diálogo entre a realidade sociocomunicativa do educando e o processo da aprendizagem, desenvolvendo a competência linguística deste aluno.

5. *Definição de gêneros e tipos textuais*

É importante salientar que é impossível nos comunicarmos verbalmente que não seja por um gênero textual e, conseqüentemente, por um texto. Logo, percebe-se que os gêneros textuais se compõem como ações sociodiscursivas para que assim possam agir sobre o mundo e dizer sobre ele. (MARCUSCHI, 2010)

A utilização dos gêneros está ligada à utilização da língua nas suas mais diversas formas, ou seja, nas suas mais variadas construções emergentes no cotidiano. Logo, os gêneros emergem das ações sociais e culturais de uma dada comunidade linguística e conforme a necessidade de comunicação de seus usuários, variando juntamente com a língua, tornando-se heterogêneos.

Segundo Bakhtin (2003, p. 301),

Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros de discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica.

Assim, ao nos comunicarmos, estamos sempre utilizando um determinado gênero textual, visto que eles fazem parte de todos os atos comunicativos de nosso cotidiano, servindo como instrumentos de comunicação.

No entanto, é importante salientar que gênero e tipo textual são termos interligados, mas que possuem definições distintas. Tal distinção torna-se muito importante nos trabalhos com a produção e a compreensão textual.

O tipo textual refere-se à sequência textual linguística em que o texto se apresenta, constando de aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais e relações lógicas.

Já os gêneros textuais são enunciados produzidos em nossa comunicação diária, apresentando padrões sociocomunicativos caracterizados pela composição funcional.

Segundo Marcuschi (2010, p. 23-24),

- (a) Usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela *natureza linguística* de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas co-

mo: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*. (MARCUSCHI, 2010, p. 23)

- (b) Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sociocomunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais* e assim por diante. (MARCUSCHI, 2010, p. 23-24)

Outro termo que merece definição é *domínio discursivo*, a fim de que não haja dúvidas quanto à caracterização dos termos aqui discutidos. Ainda em consonância com Marcuschi (2010, p. 24-25),

Usamos a expressão *domínio discursivo* para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses *domínios* não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastantes específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em *discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso* etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhes são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas. (MARCUSCHI, 2010, p. 24-25)

Percebe-se, pois, que os domínios discursivos emergem a partir dos vários gêneros textuais existentes, instituindo práticas discursivas de acordo com cada esfera da atuação humana em situações específicas de comunicação.

## **6. Os gêneros textuais e os livros didáticos de língua portuguesa**

O livro didático ainda é o recurso pedagógico mais utilizado pelo professor em suas aulas de língua materna (senão o único) e, por consequência, a principal fonte de se trabalharem textos com os alunos. Assim, na maioria das vezes, os gêneros textuais trabalhados nas aulas são aqueles propostos pelos manuais didáticos adotados.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

O livro didático deveria ser um recurso a mais na prática pedagógica e não o único instrumento a ser utilizado, uma vez que ele não supre todas as necessidades surgidas ao longo do processo da aprendizagem.

Para Marcuschi (2000, p. 10), o problema já não é mais a ausência da abordagem do tema gêneros textuais nos manuais didáticos ou na escola, e sim a forma como o conteúdo é explorado pelos educadores, não devendo perder a “concepção sociointerativa da língua” e a noção de texto “enquanto fenômeno empiricamente realizado nos discursos cotidianos”.

Assim, explorar os gêneros textuais na sala de aula é trabalhar com a língua em seu uso efetivo e das mais diversas formas, pois eles “são um artefato cultural importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade”. (MARCUSCHI, 2008, p. 149)

Cabe ao educador ter a consciência de que nenhum livro didático conseguirá abranger todos os gêneros textuais e que a maioria desses recursos pedagógicos valorizam mais os gêneros referentes à escrita, abordando de forma bem superficial os da oralidade (quando os trabalham).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé Costa. Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas. *Perspectiva*, Florianópolis, vol. 20, n. 01, p. 65-76, jan./jun.2002. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/10369/9638>>. Acesso em 20-01-2014.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua e contextos teórico-metodológicos. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONISIO, Angela Piva; MACHADO, Anna Rachel. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: SEF, 1998.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 157-176.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Uma abordagem funcionalista para o estudo de processos linguísticos em gêneros textuais do português em uso. *Revista Linguística: Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, vol. 8, n. 1, jun. 2012.

FURTADO DA CUNHA, A.; TAVARES, M. A. Ensino de gramática com base no texto: subsídios funcionalistas. *Ariús: Revista de Ciências Humanas e Artes*, vol. 13, n. 2, p. 156-162, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Gêneros textuais: o que são e como se classificam?* Recife: Mimeo, 2000.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 4. reimpr. São Paulo: Parábola, 2010.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

NICOLAU, Roseane Batista Feitosa. *Gêneros textuais no livro didático de língua portuguesa*. João Pessoa: Ideia, 2012.